

A ENTREVISTA COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVAS DE FAMÍLIAS

INTERVIEWING AS A METHODOLOGICAL INSTRUMENT IN THE STUDY OF EDUCATIVE PRACTICES IN FAMILIES

Edna Martins¹

RESUMO: O estudo da família vem constituindo um campo de crescentes investigações. O presente trabalho apresenta um relato de experiência de pesquisa qualitativa com famílias de periferia metropolitana, apontando para a reflexão crítica acerca da entrevista como instrumento metodológico na compreensão desse fenômeno. À luz da perspectiva de Pierre Bourdieu, aborda questões sobre a pesquisa que utiliza a entrevista, focalizando questões psicossociais presentes numa situação de encontro entre pesquisador e entrevistado. Levanta os limites e as possibilidades no estudo dos processos familiares, além de discutir as relações de poder e de desigualdade contidas na situação de entrevista. Oferece subsídios tanto para a discussão de procedimentos de coleta de dados, como também no registro e transcrição das narrativas de entrevista de investigação científica.

PALAVRAS-CHAVE: Famílias. Metodologia. Entrevista. Pesquisa qualitativa. Práticas educativas.

ABSTRACT: The study of family has become a field of increasing researches. This work presents a report on the study of the experience on qualitative research with families from metropolitan outskirts, pointing towards a critical reflection about interviewing as a methodological instrument in comprehending this phenomenon. In light of Pierre-Bourdieu's perspective, this work approaches debates about the research that utilizes the interview, focusing psychosocial matters present in a situation in which a researcher empathizes with an interviewee. It raises the question of which are the boundaries and possibilities in the study of familial processes besides discussing power relations and inequality as well contained in the interview. It offers reinforcement to the discussion of procedures to collect data, register and transcript narratives taken from interviews of scientific investigation.

KEYWORDS: Families. Methodology. Interview. Qualitative research. Educative practices.

INTRODUÇÃO

A família tem se constituído objeto de estudo de muitos campos do saber. Além das pesquisas com relação à integração entre escola e família (FEVORINI; LOMONACO, 2009; FERREIRA; MARTURANO, 2002; SILVEIRA; WAGNER, 2009; OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010), outros aspectos das relações familiares e educação tem despertado o interesse de pesquisadores tanto em estudos clássicos como os de

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. E-mail: emartinsunifesp@gmail.com

Rodrigues (1978) e os de Romanelli (1987) assim como em trabalhos mais recentes (YUNES; SZYMANSKI, 2005). No campo da educação particularmente, as pesquisas sobre família trouxeram contribuições para a compreensão das relações entre seus membros, dos modos de funcionamento, das estruturas dessa instituição e possibilitaram a compreensão de práticas educativas na socialização e autonomia de crianças pequenas (BIASOLI ALVES; CALDANA, 2012; MARIN; PICCININI; TUDGE, 2011). Pode-se afirmar que sobre a temática envolvendo família e educação há tradicionalmente estudos que investigam a influência das condições de vida e das dinâmicas familiares sobre o desempenho de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental (ALVES *et al.*, 2013; ALVES, 2010).

Com metodologia diversa, esses estudos brasileiros apontam para a reflexão sobre formas de planejamento de novos caminhos para a construção do conhecimento nessa área, além de levantar dados que numa perspectiva psicossocial apresentam possibilidades de apropriação de ferramentas teórico-metodológicas essenciais ao estudo da temática.

Esses trabalhos contribuíram na compreensão das relações familiares, como também apontaram para achados importantes para a construção do conhecimento nesse campo. Estudos de Sarti (2003), por exemplo, ofereceram a partir de suas inserções em comunidades e em casa de famílias de classes menos favorecidas descrições detalhadas de suas trajetórias na elaboração de procedimentos metodológicos que fossem capazes de apreenderem a realidade estudada, apontando a entrevista como instrumento privilegiado para coleta de dados e, conseqüentemente para a compreensão do funcionamento e estrutura dos grupos estudados.

Neste sentido, objetiva-se neste trabalho, à luz da perspectiva de Pierre Bourdieu (1989; 1999), descrever um relato de experiência de pesquisa, focando a metodologia de um estudo qualitativo a partir da utilização da entrevista na compreensão das práticas educativas familiares, com duas famílias de comunidade periférica da grande São Paulo, destacando principalmente a função dialógica deste instrumento na ação do pesquisador.

A ENTREVISTA COMO INSTRUMENTO NO ESTUDO DA FAMÍLIA

Os trabalhos de Bourdieu (1989; 1999), numa perspectiva sociológica nos trouxeram importantes contribuições sobre questões metodológicas essenciais no estudo das inter-relações familiares, principalmente sobre aquelas famílias de comunidades pobres e das

grandes periferias metropolitanas. Seu trabalho aponta para alguns pontos importantes da relação entre a pesquisa com o pesquisador, assim como desse último com o participante do trabalho de investigação. Bourdieu (1999), em estudos com famílias operárias na França traz em suas investigações indicadores ligados ao modo de se chegar a seus entrevistados, como também a forma de se analisar suas falas e comportamentos como um todo. O autor oferece um leque de possibilidades para o pesquisador interessado nas relações sociais, construir suas investigações no caminho de se conhecer de “onde se fala, quem é que fala e como se fala”.

Outra contribuição para se pensar a pesquisa com famílias a partir da obra de Bourdieu (1999) é a que descreve a relação de pesquisa em si. Quando o pesquisador vai a campo, quer seja na residência de uma família, ou em qualquer outro espaço, a interação estabelecida entre um entrevistador e o seu pesquisado, não pode ser compreendida apenas como um momento de construção de conhecimento, em que os atores envolvidos estão a serviço da ciência, mas sobretudo, como uma relação humana e social que exerce efeitos de ordem afetiva, comportamental e subjetiva sobre os sujeitos. Como aponta o autor “a interrogação científica exclui por definição a intenção de exercer qualquer forma de violência simbólica capaz de afetar as respostas” (BOURDIEU, 1999, p. 694), entretanto na situação de pesquisa esse tipo de distorção pode aparecer, o que deveria levar o pesquisador a uma prática reflexiva e atentamente examinada.

Segundo Bourdieu, o poder simbólico surge como todo poder que consegue impor significações como legítimas. Pode ser compreendido como uma espécie de “poder invisível”. Como instrumentos desse chamado poder simbólico estão essencialmente aqueles que se relacionam ao conhecimento e os de construção do mundo objetivo, manifestados por meio de diferentes meios de comunicação, como a língua, a cultura, o discurso ou a conduta e tem o poder de garantir aos que os possuem, a manutenção e o exercício do poder (BOURDIEU, 1989).

Desse modo, a entrevista pode ser vista como um momento de intrusão que se estabelece no sentido da troca. Desse modo, ao se entrevistar uma pessoa para que não se estabeleça uma “comunicação violenta”, é prudente estar atento ao que se deve ou aquilo que não merece ser dito, pensando-se sempre no sentido de cada questão que se faz ao entrevistado e da própria situação de pesquisa em geral, das finalidades da pesquisa e as razões que levam um participante a aceitar ser entrevistado.

Outro ponto que merece destaque na situação de entrevista, diz respeito aos chamados “roteiros semi-estruturados”. É muito comum que o entrevistador leve consigo para

o momento de entrevista, um roteiro de questões para ser utilizado como norteador de seu trabalho de investigação, contudo muitos pesquisadores acabam por se prender na operacionalização do tal roteiro ao ponto de perderem momentos cruciais da linha de pensamento do entrevistado, muitas vezes, pela própria ansiedade e necessidade imposta pelo seu roteiro de partir para a próxima questão da lista. Sobre isso, Mandelbaum (2012) aponta que ao termos algum conhecimento *a priori* sobre o que estamos investigando, ou ainda por sermos premiados por um roteiro de questões acabadas, nós, pesquisadores, muitas vezes acabamos por perder as respostas mais reveladoras que nos estão sendo ofertadas pelo entrevistado. A autora afirma que ao estarmos presos aos roteiros ou lista de questões, não conseguimos fazer uma escuta adequada e, muito menos refletir sobre o que estamos perguntando e ouvindo. O ideal, seria podermos refletir sobre as questões e respostas e, a depender do que for dito, podermos ter a sensibilidade de desenvolver novos questionamentos relacionando com ideias ou outros pontos de vista que poderiam enriquecer a entrevista. Dessa forma, podemos “construir junto com o entrevistado um conhecimento novo, que emerja do campo relacional criado pelo encontro. A entrevista, ao contrário, pode tornar-se quase que um procedimento burocrático” (MANDELBAUM, 2012, p. 4).

O poder simbólico tratado por Bourdieu pode ser evidenciado no trabalho de Sarti (2003) quando em sua pesquisa de campo, ao entrevistar famílias pobres a pesquisadora sentia que as dificuldades de comunicação surgiam quando não era possível romper a distância entre a identidade do pesquisador e a dos entrevistados. Nesses momentos, segundo esses autores, parece haver uma distância entre o pesquisador e o pesquisado, sobretudo no que se relaciona ao seu aparato cultural, contudo, é importante que o investigador compreenda antes de qualquer coisa, o sentido e as significações de cada espaço que se quer pesquisar, assim como o que se deve ou não perguntar e o efeito de sua simples presença no outro.

Uma questão importante que se faz presente no trabalho metodológico é quando o pesquisador tem a tarefa de construir sua amostra de investigação. Ainda que estejam claramente estabelecidos os critérios de inclusão e exclusão de um grupo de participantes para uma pesquisa, chegar a um conjunto de pessoas que voluntariamente se manifestem para participar de um estudo científico significa passar por um caminho, muitas vezes de difícil acesso. No referido trabalho de Bourdieu (1999) com famílias de um conjunto habitacional, o autor aponta que como coordenador de um grupo de pesquisadores, fez questão de deixá-los livres para escolher os participantes de sua pesquisa. As pessoas

entrevistadas poderiam ser tanto pessoas conhecidas pelos pesquisadores quanto aquelas apresentadas a eles por outros moradores da comunidade pesquisada. Agindo assim, Bourdieu acreditava que: “A proximidade social e a familiaridade asseguravam efetivamente duas das condições principais de uma comunicação ‘não violenta’” (BOURDIEU, 1999, p. 697, grifos do autor).

Na relação de entrevista com famílias, quando o pesquisador se aproxima do universo a ser pesquisado, tem em mãos tarefa árdua, pois para que o processo ocorra de forma adequada é necessário um exercício de empatia, no qual colocar-se no lugar do outro conduz a um tipo de interação em que as relações de poder e a distância social entre os dois polos favoreça a produção de discursos que condigam de forma mais ampla com a realidade e as experiências apontadas na fala de quem faz parte do estudo. Sendo assim, é essencial que se cuide de cada pergunta e de cada intromissão, num movimento de reflexão contínua sobre os caminhos pelos quais se pretende adentrar para se chegar aos dados da realidade investigada. Só é possível conhecer a realidade objetiva e um pouco da subjetividade de cada entrevistado dessas famílias a partir do reconhecimento da própria realidade e humanidade do pesquisador. Contudo, Bourdieu (1999) salienta que deve haver uma distância necessária entre pesquisador e entrevistado, considerando o que se traz como bagagem de conhecimentos de ambas as partes, pois na situação de entrevista não se pode esperar total convergência entre investigador e entrevistado.

Canetti (1995) traça uma descrição sobre como uma entrevista pode ser ameaçadora e invasiva para aquele que está sendo entrevistado. Segundo o autor, o efeito de cada pergunta que o pesquisador faz a seu entrevistado tende a realçar ainda mais o poder do investigador. Dependendo da forma como a pergunta é colocada, a resposta poderá envolver a liberdade da pessoa em defender-se. Para o autor, a palavra em forma de pergunta tem o poder de tocar o mais profundo interior de uma pessoa: “Toda pergunta é uma intromissão. Onde ela é aplicada como um instrumento de poder, a pergunta corta feito faca a carne do interrogado” (CANETTI, 1995, p. 285). E isso porque o efeito das perguntas sobre o inquirido é o de uma elevação de sua sensação de poder; elas lhe dão vontade de fazer mais e mais perguntas.. Segundo o mesmo autor:

As perguntas buscam respostas [e] não apenas retêm o inquirido externamente. Com cada resposta ele mostra uma parte mais de si. Podem ser coisas sem importância, superficiais, mas lhe foram extraídas por um desconhecido. Estão relacionadas com outras que jazem mais ocultas e que ele considera mais importantes. O desgosto que experimenta não tarda em tornar-se desconfiança (CANETTI, 1995, p. 281)

Não se pode supor que o pesquisador ao adentrar a casa e a vida de uma família possa passar despercebido e não alterar ou influenciar com sua simples presença, a fala e o comportamento das pessoas pesquisadas. Nesses momentos concretos junto às famílias, o investigador pode pulverizar todo o ambiente perceptivo em função de suas próprias características sociais e psicológicas. Por isso, a maioria das pesquisas desta natureza traz um fazer metodológico que se constitui no movimento próprio da pesquisa, o que nas palavras de Bourdieu (1999) exige uma “reflexividade reflexa”, que pode ser capaz de permitir um trabalho científico que consiga controlar o campo, desde a escolha dos temas, a escolha do entrevistador e a própria condução da entrevista no que se refere aos efeitos da estrutura social na qual o estudo se insere.

É na observação atenta e na confrontação das experiências emergentes, assim como nas reflexões dos próprios participantes da pesquisa que os procedimentos metodológicos vão se constituindo. Numa pesquisa que abrangia o tema da família, em um clássico trabalho de Rodrigues (1978) com operários na cidade de São Paulo, observou-se que tanto a constituição da amostra como as formas de abordagem dos participantes do estudo foram sendo organizados segundo as várias tentativas da pesquisadora já em campo. Este estudo mostra que a aproximação da pesquisadora com uma comunidade, a facilidade de sua inserção, assim como a sua familiaridade com as pessoas que serão participantes de um estudo não pode servir de empecilho na construção de uma eficiente metodologia. A contribuição de Sarti (2003) em seu estudo com famílias de um bairro periférico de São Paulo na década de 90 é prova disso. A pesquisadora passou alguns anos na comunidade fazendo trabalho de mestrado e tempos depois voltou ao mesmo local para entrevistar muitas das famílias que já havia conhecido no estudo anterior, o que de algum modo facilitou a sua inserção naquele mesmo campo. Os trabalhos de Szymanski (2001, 2010) apontam para sua atuação de mais de 20 anos em uma comunidade periférica paulistana. Nesse local a pesquisadora desenvolve um trabalho de extensão e pesquisa junto às escolas, às creches e às famílias, demonstrando que o vínculo entre o pesquisador e os líderes de uma comunidade pode propiciar caminhos promissores de investigação científica.

Mandelbaum (2012), citando Pierre Bourdieu (1999), afirma que o autor ao expor sua metodologia de pesquisa utilizada num conjunto habitacional na França, nos adverte, apontando que a entrevista deve ser feita a partir de uma conversa entre pessoas que, ainda que ocupem diferentes posições ocasionadas pela situação de pesquisa, tenham,

minimamente alguma convivência, aproximações, afinidades ou identificações, que possam diminuir as distâncias que as separam. O autor dá o exemplo de uma investigação com jovens negros no Harlem, em Nova Iorque, em que se buscou fazer um treinamento de pesquisadores negros como entrevistadores para que os mesmos pudessem ter uma identificação com os entrevistados e vice e versa.

Sobre a escolha dos entrevistados e a familiaridade do investigador com os participantes da pesquisa, Bourdieu (1999, p. 696) aponta:

[...] que não é suficiente agir, como faz espontaneamente todo “bom” pesquisador, no que pode ser consciente ou inconscientemente controlado na *interação*, principalmente o nível da linguagem utilizada e todos os sinais verbais ou não verbais próprios a estimular a colaboração das pessoas interrogadas, que não podem dar uma resposta digna desse nome à pergunta a menos que elas possam delas se apropriar e se tornarem sujeitos. Deve-se agir, também, em certos casos sobre a estrutura da relação (e, por isso, na estrutura do mercado lingüístico e simbólico), portanto na própria escolha das pessoas interrogadas e dos interrogadores (grifos do autor).

Trabalhos como os de Sarti (2003) e Szymanski (2010) fornecem algumas reflexões sobre a construção da metodologia de pesquisas de cunho psicossocial, assim como desmistifica a ideia de que o pesquisador deve em seu projeto contemplar um total controle de variáveis num ambiente natural, onde as relações se dão num movimento constante de formar-se e transformar-se. Contudo, há cuidados imprescindíveis nesse contato com seres humanos na medida em que os sujeitos das pesquisas também são produtos e produtores das condições sociais e históricas em que vivem.

Outra dificuldade para a construção de metodologia para o estudo de família, diz respeito à forma como descrevemos ou nomeamos tais famílias. Torna-se cada vez mais difícil classificar ou nomear ou “tipificar” a família com a qual se quer trabalhar. Alguns critérios são utilizados por pesquisadores como os índices do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para classificação de alguns grupos familiares, contudo confusões que não são apenas de ordem semântica, mas, sobretudo que dizem respeito à realidade socioeconômica de algumas famílias, podem dificultar essas nomeações. Essa questão esteve presente na explicitação de categorias classificatórias no trabalho de Romanelli (1987) em seu estudo com famílias de crianças de escolas da rede privada da cidade de São Paulo, com uma população mais favorecida economicamente, quando o autor questiona como tratar ou denominar as famílias estudadas: “podemos falar de uma classe média?”, ou ainda, de que classe media estamos falando?

Alguns questionamentos são produzidos nesse campo, como por exemplo:

“o que são de fato, famílias de classes populares? Que critérios utilizamos para nomear uma família de baixa renda? Pode-se denominar grupos familiares de favelas ou de comunidades menos favorecidas de famílias “pobres”, a partir de quais elementos? Como se configura uma família moradora de uma localidade periférica?”. O trabalho de Sarti (2003) aponta para algumas respostas, pois a autora busca essa nomeação através das falas das próprias famílias entrevistadas. Nesse caso, elas mesmas se denominam “famílias pobres”, o que legitima o seu discurso e clarifica a visão do leitor interessado no estudo. Desse modo, além de ser uma nomeação que não vem de fora para dentro, faz parte do próprio discurso das famílias entrevistadas, mostrando como elas próprias se veem.

Enfim, muitas minúcias envolvem a construção de um adequado caminho metodológico pelo pesquisador interessado na problemática da família. O que se pode afirmar é que apenas com a reflexão contínua e o trabalho atento de investigador comprometido com a ética e o respeito pelo humano é que se pode chegar a construções de metodologias que possam dar conta de trazer respostas às inquietações de pesquisadores também humanos. A discussão continuada e a atitude reflexiva de pessoas interessadas nesses estudos vão passo a passo criando condições necessárias para se chegar ao entendimento do que se convencionou chamar de família na sociedade atual.

A TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: CONDIÇÕES SUBJETIVAS E ASPECTOS ÉTICOS

Sobre a entrevista de pesquisa, Bourdieu (1999) descreve que esses momentos de interlocução com os entrevistados são repletos de sentimento de inquietação, já que ao partir de um movimento de confiança, os entrevistados acabam por explorar seus depoimentos. Ao tornar públicas as “confissões” das famílias, alguns apontamentos éticos fazem-se necessários, principalmente ao que se refere ao cuidado com a proteção de nomes de pessoas que confiaram ao pesquisador suas questões mais profundas. Esses momentos envolvem não apenas a mudança de nomes, mas também de lugares ou descrição de pessoas que possam vir a identificar tais participantes da pesquisa. Esse cuidado é tomado e apontado por vários pesquisadores, como Romanelli (1987) ao descrever os locais pesquisados (escolas particulares de São Paulo), o autor busca artifícios para manter o sigilo sobre nomes de pessoas e de instituições que fizeram parte de seus estudos. Atualmente as instituições que realizam pesquisas direta ou indiretamente com seres humanos no Brasil devem submeter seus trabalhos a comitês de ética, mas isso não oferece segurança suficiente para que nomes

ou lugares por exemplo, possam ser identificados nos relatos de estudos realizados por pesquisadores descuidados. Muitas vezes, ainda que o pesquisador utilize pseudônimos ou outros artifícios para suprimir os nomes reais, pela própria descrição da amostra ou da localização da instituição, o leitor atento pode inferir sobre os verdadeiros sujeitos e locais investigados.

Bourdieu (1999) também salienta a importância no zelo que se deve ter na construção escrita da entrevista ou no momento de sua transcrição, quando se faz o discurso oral dos entrevistados passar por uma transformação na qual não podem estar suspensas as condições sociais e os condicionamentos aos quais o sujeito da entrevista é produto. Desse modo, tudo o que se passa no momento da entrevista, até mesmo aquilo que se quer dissimular no discurso oral e no transcrito deve ser considerado. Questões de pronúncia, da entonação da voz dos entrevistados, em sua forma de se colocar, sua linguagem verbal e corporal, gestos e mímicas, assim como olhares e silêncios devem ser levados em conta. Segundo o autor, ao transformarmos as falas das pessoas em texto devemos considerar:

[...] as condições sociais e os condicionamentos, dos quais o autor é o produto, sua trajetória, sua formação, suas experiências profissionais, tudo o que se dissimula e se passa ao mesmo tempo no discurso transcrito, mas também na pronúncia e na entonação, apagadas pela transcrição, como toda a linguagem do corpo, gestos, postura, mímicas, olhares, e também nos silêncios, nos subentendidos e nos lapsos. (BOURDIEU, 1999, p. 10).

Nesse sentido, ao transcrever ou fazer o relatório da pesquisa deve-se cuidar para situar o leitor sobre qual espaço social o entrevistado fala, assim como evidenciar sua condição social e quais os condicionamentos dos quais o entrevistado é produto. Bourdieu também considera como dever do pesquisador a legibilidade do texto transcrito a partir da fala do entrevistado. Desse modo deve limpar o texto de certas frases que pareçam confusas ou redundantes, assim como os vícios de linguagem que possam obscurecer a entrevista depois de sua transcrição. É importante salientar que o autor considera essencial o cuidado do pesquisador em jamais trocar palavras e nem mesmo mudar a ordem das perguntas. Na busca pela fidedignidade dos dados, considera-se ideal que o próprio entrevistador/pesquisador realize a transcrição da entrevista.

Nesta perspectiva no trabalho de Sarti (2003), ao trabalhar em comunidades da periferia, foi importante que a pesquisadora fosse passo a passo apreendendo as minúcias do terreno onde pesquisava e aos poucos foi conseguindo lidar com diferentes linguagens que eram comuns naquele tempo e espaço local. Isso possibilitou o seu entendimento, não só sobre a linguagem verbal de seus entrevistados, mas também sobre o que esse outro queria

dizer com um gesto ou movimento, com uma gíria ou um trejeito e, também para se fazer entender. Portanto no registro, assim como na análise de uma entrevista são imprescindíveis, tanto os sinais verbais, como os não verbais dos entrevistados.

A EXPERIÊNCIA DE ENTREVISTA COM FAMÍLIAS DE PERIFERIA URBANA

O relato dessa experiência faz parte de tese de doutoramento defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (MARTINS, 2003). O trabalho tratava de compreender as práticas educativas das famílias e a sua relação com brinquedos e brincadeiras das crianças. A coleta das informações se deu a partir de quatro entrevistas realizadas com duas famílias de uma comunidade da periferia metropolitana da cidade de São Paulo. O critério de inclusão das famílias na amostra era o de terem filhos menores de 5 anos matriculados na creche da comunidade.

As famílias participantes foram indicadas pelo líder comunitário a partir de nossa inserção na creche da comunidade investigada. Essa prática de ação a partir do contato com esses líderes tem sido comumente usada em pesquisas sociais, pois essa vinculação pode favorecer a participação das pessoas envolvidas no estudo, além de os tornarem mais receptivos, confiantes e atentos ao trabalho do pesquisador, principalmente em locais de difícil acesso. As entrevistas se deram nas casas das famílias em domingos alternados, sempre na parte da tarde e, tiveram a duração aproximada de uma hora e meia. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra com autorização dos entrevistados.

Uma das maiores dificuldades encontradas na realização dessas entrevistas com as famílias, diz respeito à existência de uma dinâmica comum nas casas de quaisquer famílias. Em nosso caso, o entra e sai das crianças, de outros adultos da casa, de vizinhos e amigos tenderam em princípio, a desarticular a atenção ou o foco da entrevista, porém ao atentarmos para essas interações, percebemos que o trabalho poderia tornar-se ainda mais rico se todo esse movimento fosse registrado, juntamente com falas e atitudes referentes a essa dinâmica.

Segundo Bronfenbrenner (1996), nas famílias e em suas casas, o pesquisador não precisa introduzir ou inventar sistemas organizados de relações entre as pessoas, pois a natureza já as oferece diariamente com infinitas possibilidades. É na família que acontece o maior fluxo de pessoas que interagindo de variadas formas fornecem ao pesquisador ricas observações. "Mães e irmãos, assim como vizinhos e amigos - vêm e vão a todo momento, proporcionando experimentos naturais prontos, com validade ecológica inata

e um planejamento antes-depois em que cada sujeito pode servir como seu próprio controle" (BRONFENBRENNER, 1996, p. 57).

Num outro momento de uma entrevista, ao fazermos uma pergunta para a entrevistada, houve uma reação inesperada por parte da participante da pesquisa. A nossa pergunta suscitou na entrevistada uma lembrança dolorosa sobre a morte do marido e, sobretudo, sobre como sentia sua falta na educação dos filhos. Ao se lembrar do episódio, a mulher num gesto de extremada tristeza, chegou a se deitar no chão tentando demonstrar como encontrou o marido baleado, caído na frente de sua casa, no dia de sua morte. Foi então que ao ver tal cena, tentamos contornar a situação, sem que o sofrimento da entrevistada fosse menosprezado e ao, retomar o foco da entrevista fomos aos poucos voltando ao assunto pretendido, conseguindo fazer com que a entrevistada pudesse conter as lágrimas e repensar as próprias questões com relação as suas práticas atuais na educação dos filhos (objetivo principal de nosso estudo). Essa tomada de posição com relação ao foco da entrevista foi feita com a entrevistada podendo perceber que seu sofrimento era legítimo e tinha o poder de contágio, contudo, tentamos mostrar a ela respeitosamente, não só por meio de palavras, mas também a partir de gestos e atitudes que sua dor tinha importância, mas não poderíamos ir mais além daquilo a que nos propusemos em nosso acordo inicial.

Sobre essa questão, o trabalho de Rodrigues (1978, p. 35)) ao apontar na situação de entrevista a consideração sobre os aspectos subjetivos do sujeito entrevistado, coloca que o espaço da entrevista possui uma dinâmica como num *setting* analítico, onde “[...] o ambiente imediato suscita e mobiliza percepções e fantasias que imprimem seu selo ao material fornecido pelo indivíduo que produz o discurso”. Desse modo, uma pergunta ou uma atitude do pesquisador tem o poder de fazer aflorar no sujeito de pesquisa sentimentos e atitudes imprevisíveis já que estamos lidando com questões subjetivas e próprias de cada família. Isso também pode ocorrer dependendo do vínculo estabelecido entre pesquisador e entrevistado, o que permite ao último a expressão de sentimentos que podem ser dolorosos e, despertados muitas vezes pela acolhida da entrevista. Sobre esse assunto, Bourdieu (1999) cita que alguns pesquisados podem comumente aproveitar essa situação para se fazer ouvir, levando aos outros sua experiência. Constitui-se também em um momento propício para que os entrevistados possam construir seu próprio ponto de vista sobre si mesmos e sobre o mundo que os rodeia. O autor acrescenta que essas falas podem ser intensas e sofridas, dando uma sensação de alívio ao participante da pesquisa.

Sobre o caráter de intervenção de uma entrevista, Szymanski (2001) afirma que o momento de encontro entre pesquisador e pesquisado, se constitui essencialmente em interação social, e ainda que intervir na vida do participante não seja a intenção do pesquisador, há sempre uma intervenção, uma vez que a presença e interlocução de um ser humano nunca é neutra para o outro. Em nosso caso, analisando os tempos de entradas nas casas das famílias e os momentos de interação com seus membros, não restam dúvidas de que houve uma influência mútua, ocasionada pela interpretação contínua dos relatos e das situações de encontro. A relação entre a pesquisadora e os entrevistados pode proporcionar espaços para reflexão e troca de ideias de ambas as partes. Szymanski (2001) acrescenta que nesta interação, muitas vezes, o pesquisador, acaba por fornecer informações e discutir alternativas para as questões apontadas pelos participantes da pesquisa, ainda que esse não seja o intuito de uma investigação científica.

Outra questão que deve ser apontada diz respeito à possibilidade oferecida às famílias de refletirem sobre suas falas. Em nossa experiência utilizamos a entrevista reflexiva (YUNES; SZYMANSKI, 2005), em que os entrevistados são levados a pensarem sobre suas falas depois de algum tempo, em um próximo encontro com o pesquisador. Após a entrevista inicial, as famílias passaram por um segundo momento de entrevista (aproximadamente depois de dois meses). Nessa segunda oportunidade, foi realizado com elas, o que chamamos de “entrevista reflexiva”, ocasião em que elas puderam explicitar melhor as suas falas anteriores, trazendo algumas mudanças em colocações iniciais. Esse momento serviu também como uma devolutiva sobre os dados coletados e pré-examinados. Percebemos nessa ocasião que o modo como as famílias pensavam algumas questões relatadas anteriormente, tinham sofrido alteração, demonstrando a força de intervenção que havia nas entrevistas, ainda que esse não fosse o foco principal do estudo.

Embora o objetivo desse artigo esteja ligado à possibilidade de explorar a experiência de trabalhar com a entrevista como instrumento privilegiado de pesquisa, cabe apontar que o estudo relatado (MARTINS 2011, 2003; MARTINS; SZYMANSKI, 2006) pode nos trazer dados capazes de apontar para a compreensão de como ocorriam as práticas educativas realizadas por aquelas famílias em seu cotidiano. A oportunidade de poder estar nas casas das famílias entrevistadas, conhecer o seu dia-a-dia e principalmente, ter um contato face a face com mães, pais e crianças daquela comunidade, nos deram grandes indícios de que conhecer a realidade cotidiana das pessoas, por meio de seus relatos verbais em ambientes naturais, pode ser um caminho promissor para o pesquisador interessado na compreensão das

relações entre família e escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa qualitativa que investiga as relações e as práticas educativas familiares tem crescido nas últimas décadas. A entrevista como instrumento na obtenção de dados pode representar um recurso indispensável ao pesquisador empenhado em compreender tais questões. Tanto no estudo relatado quanto em outros trabalhos nessa perspectiva podemos ressaltar que a relação face-a-face e sobretudo o encontro entre pessoas ocupadas em compreender a subjetividade humana só é possível por intermédio de uma relação respeitosa do pesquisador com o objeto pesquisado.

O trabalho do sociólogo Pierre Bourdieu (1999) relatado em sua obra: *A miséria do mundo*, pode ser inspirador para aqueles pesquisadores que buscam compreender as relações e os desencontros entre a família pobre e a escola pública. Nesse estudo o autor apresenta como coordenou um intenso trabalho de entrevistas com famílias francesas que, como muitos de nossos grupos no Brasil, vivenciam o que o autor denominou de "pequenas misérias", constituídas das agruras da vida cotidiana, nas mais adversas condições de existência. Em nossas entrevistas de pesquisa com os membros daquela comunidade que convivem cotidianamente com situações de violência social, com moradias improvisadas, ameaçadas pelo poder público e por outras intempéries, tivemos a chance de compreender o quanto nossa presença no espaço e tempo daquelas pessoas se aproxima da experiência de investigação minuciosamente relatada por Bourdieu sobre os conjuntos habitacionais da França, lócus de intensas diferenças sociais.

Segundo Mandelbaum (2012), a entrevista nos oferece um caminho metodológico de conhecimento do outro. A compreensão, pressupõe uma espécie de amálgama entre o pesquisador e o fenômeno pesquisado. Desse modo, para compreender, é necessário que possamos nos colocar no mundo juntamente com aquilo que está para ser compreendido.

A compreensão é um método de conhecimento que se funda basicamente em nossa capacidade de trasladar-nos a uma vivência psíquica alheia, sobre a base dos signos que o outro oferece à captação, e que incluem o gesto, a palavra falada, o discurso, a obra de arte ou o texto, isto é, todas as inscrições que a realidade humana deixa atrás de si. Todo fenômeno humano é linguagem. E é com nossa humanidade comum - o que de estruturalmente temos em comum em nossa vida psíquica - que captamos, através da linguagem, a humanidade do outro, os sentidos que o mobilizam. (MANDELBAUM, 2012, p. 3)

Outro elemento importante diz respeito as questões éticas envolvidas no momento da entrevista com as famílias assim como no processo de transcrição das falas, em que o pesquisador deve estar alerta no sentido de entender a metodologia de sua pesquisa perpassado por um corpo de conhecimento com função não só de organização do processo de coleta de dados, mas sobretudo com papel importante no respeito a fidedignidade dos registros para a construção do conhecimento científico. A transcrição dos dados da entrevista pode significar um momento interessante de retomada daquilo que se ouviu em consonância com gestos, expressões e entonações, imprescindíveis para a compreensão do fenômeno investigado. Nossa experiência nos mostrou que quanto mais pudermos fazer aproximações e revisões do momento de coleta de dados, ouvindo e transcrevendo as falas dos participantes da pesquisa, maior será a precisão e riqueza dos registros escritos e a clareza no momento de análise dos discursos.

É esperado que o pesquisador faça a publicação de seus achados científicos, contudo a experiência em si de pesquisa e o contato com os sujeitos pesquisados é, na maioria das vezes, relegado à poucas palavras do texto científico ou acadêmico. Entendemos, entretanto, que relatos como esses, que possam descrever a experiência do pesquisador no processo pessoal de pesquisa e nas vicissitudes desses caminhos podem trazer contribuições para aqueles que porventura tiverem o interesse em trabalhar no estudo de/com famílias quer seja numa esfera social, psicológica, educacional, política e ou antropológica.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. T. G. et al. Fatores familiares e desempenho escolar: uma abordagem multidimensional. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, v. 56, n. 3, p. 571-603, 2013.

ALVES, F. Escolhas familiares, estratificação educacional e desempenho escolar: quais as relações. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, p. 447-468, 2010.

BIASOLI ALVES, Z. M. M.; CALDANA, R. H. L. Práticas educativas: a participação da criança na determinação de seu dia-a-dia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 8, n. 02, p. 231-24, 2012.

BOURDIEU, P. (Coord.) *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1999. (Originalmente publicado em 1993).

_____. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CANETTI, E. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FERREIRA, M. C. T.; MARTURANO, E. M. Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 15, p. 35-44, 2002.

FEVORINI, L. B.; LOMONACO, J. F. B. O envolvimento da família na educação escolar dos filhos: um estudo exploratório com pais das camadas médias. *Psicologia da Educação*, São Paulo, v. 28, p. 73-89, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 nov. 2013.

MANDELBAUM, B. Em busca de um encontro: o método hermenêutico na pesquisa em Psicologia Social. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 20, n. 1, jun. 2012.

MARIN, A. H. E. ; PICCININI, C. A.; TUDGE, J. R. H. Práticas educativas maternas e paternas aos 24 e aos 72 meses de vida da criança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. São Paulo, v. 27, n. 4, p. 419-427, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v27n4/05.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2013.

MARTINS, E. Família em situação de risco e rede social de apoio: um estudo em comunidade de periferia metropolitana. *Revista @mbienteeducação*, v. 4, n. 1, p. 60-71, jan./jun., 2011, Disponível em: http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/pdf/volume_4_1/educacao_01_60_71.pdf. Acesso em: 11 nov. 2013.

_____. *Brincar educa? A brincadeira como prática educativa na família*. 2003. Tese. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. Brincadeira e práticas educativas familiares: um estudo com famílias de baixa renda. *Revista Interações*, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 143-164, 2006.

OLIVEIRA, C. E. de; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 27, n. 1, mar. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2013.

RODRIGUES, A., M. *Operário, operária: estudo exploratório sobre o proletariado industrial da Grande São Paulo*. São Paulo: Símbolo, 1978.

ROMANELLI, G. *Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade*. 1987. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1987.

SARTI, C. A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVEIRA, L. M. de O. B.; WAGNER, A. Relação família-escola: práticas educativas utilizadas por pais e professores. *Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, v. 13, n. 2, p. 283-291, 2009.

SZYMANSKI, H. *A relação família/escola*. Brasília: Liber livro, 2010.

_____. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. *Revista Psicologia da Educação*, São Paulo, v. 11, n. 12, p. 193-215, 2001.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva e *grounded-theory*: estratégias metodológicas para compreensão da resiliência em famílias. *Revista Interamericana de Psicologia*, v. 39, n. 3 p. 431-438, 2005.

Recebido em agosto de 2013.

Aprovado em novembro de 2013.